



39º Encontro Anual da ANPOCS

SPG10 - Imagens, mídias audiovisuais e ciências sociais: questões teóricas, práticas e metodológicas

Entre “bandidos” e “cidadãos de bem”: entraves à reciprocidade comunicativa nas interações do programa *Papo de Polícia*

Thales Vilela Lelo

*Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais (UFOP) e do Grupo de Estudos em Trabalho, Saúde e Subjetividade (UNICAMP).*

Resumo

O artigo é resultado de uma investigação que procurou averiguar os impasses que permeiam a construção mútua de sujeitos como interlocutores em uma situação de interação social, tomando como eixo de análise os contatos estabelecidos entre policiais e moradores de favela na primeira temporada do programa *Papo de Polícia*, exibido pela *Multishow* em 2011. Na trama, um policial civil é convidado a residir no Complexo do Alemão (RJ) durante uma semana, sendo instado a estabelecer vínculos de reciprocidade com os moradores do local. Por meio de uma metodologia de análise das imagens da série em seus componentes expressivos (impostação dos interlocutores e disposição deles nas cenas) e discursivos (modo de condução das entrevistas e de coordenação das falas), foi possível perceber aspectos que dificultam a consolidação de laços de partilha entre os interlocutores, decorrentes do contexto que embasa o programa e que toma como pano de fundo as relações historicamente conflituosas entre oficiais da Segurança Pública e habitantes de periferia, os objetivos políticos do *Afroreggae* (realizador da produção) e as inclinações profissionais do protagonista da série, Beto Chaves.

Palavras-chave: Interações comunicativas. Reciprocidade. Violência urbana. Desigualdade. Papo de Polícia.

1. Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa¹ que buscou problematizar os entraves que envolvem a construção recíproca de sujeitos como interlocutores em uma cena comunicativa, tomando como objeto de referência um produto cultural midiático. O corpus foi construído tendo como eixo de análise a primeira temporada do programa *Papo de Polícia*, exibida no *Multishow* em fevereiro de 2011² e composta de sete episódios de aproximadamente 10 minutos cada. A produção foi realizada pelo Grupo Cultural *Afroreggae*, e o protagonista selecionado para as gravações foi o policial civil Roberto (Beto) Chaves, profissional esse que esteve envolvido nas operações de “ocupação” e posterior “pacificação” do Complexo do Alemão (RJ) que ocorreram em 2010. Ele foi convidado para o “desafio” de voltar ao Complexo e se hospedar sete dias no local em uma casa alugada para as gravações no intuito de relatar, por meio de um diário em vídeo, as vivências nesse período e as interações com os moradores. Ao longo dos episódios, ele é instado a se aproximar, conversar e estabelecer algum tipo de vínculo

¹ A análise aqui apresentada é uma pequena fatia do *corpus* averiguado na dissertação de mestrado intitulada *A dimensão política das interações comunicativas em Papo de Polícia: cenas de dissenso e reconfigurações do mundo comum*. Os resultados na íntegra podem ser conferidos em Lelo (2015).

² A série teve até o presente momento quatro temporadas exibidas pela *Multishow*, e em cada uma delas foi elegido um protagonista distinto, oriundo de um setor específico da Corporação Policial.

com os residentes, de modo a apreendê-los como interlocutores e, assim, como sujeitos dignos de serem ouvidos e considerados em uma relação de reciprocidade.

Ao analisar este produto cultural, o que interessa mais de perto é ver, a partir da aproximação de um policial civil com habitantes de favela, como as feições de uma igualdade supostamente arquitetada entre eles (com Beto tomando a atitude, segundo o roteiro da atração, de subir o morro se propondo a ouvir e se acercar dos residentes), origina o surgimento de situações nas quais, por meio do diálogo e de interações concretas, se torna possível rastrear as identificações e posições de sujeito que são convocadas ou camufladas pelos interlocutores ao longo dos sete episódios dessa produção midiática. Em outras palavras, será o objetivo central desse artigo apreender como o contato (forjado pelos dispositivos midiáticos, mas vivenciado como real) entre oficiais e habitantes de periferia favorece a emergência de desencaixes e fraturas com o fio condutor pretensamente estabelecido para a trama, os quais são mais ou menos evidenciados em *Papo de Polícia* e que não podem ser superados de maneira definitiva, sem impedir, contudo, momentos fugazes de uma aproximação tensa.

Evidentemente que as proximidades e distanciamentos entre moradores e policiais não ocorrem tendo como pano de fundo somente o programa em si: elas são marcadas por uma série de eventos inscritos na história que levaram ao surgimento de *Papo de Polícia*, e que se entrelaçam também ao estado das relações entre moradores de periferia, os sistemas de segurança pública no Rio de Janeiro, os objetivos políticos do *Afroreggae* e as inclinações profissionais do próprio protagonista da série, Beto Chaves. A influência desses elementos na estrutura narrativa do programa deriva do fato de *Papo de Polícia* se conformar no gênero do *reality* social que, como sublinha Jost (2009), tem como pressuposto (e promessa) que cada cena gravada terá como referência um mundo real (que preexiste ao momento da gravação). Esse mundo real, no caso em tela, é um “território” recém-ocupado pelo Estado, em vias de se tornar uma região “pacificada”, livre do narcotráfico.

Mas muito embora construído com os pés fincados em um solo de um “real” externo à câmera, a série, enquanto *reality*, promove um tipo de situação que é planejada, pois, não fosse o programa, dificilmente Beto Chaves subiria o Complexo do Alemão para ali residir sete dias e conversar com moradores. Ainda assim, segundo Jost (2009), nessa “promessa de invenção”, “por mais que o narrador diga que ele inventa, ele está realmente frente a uma realidade, da qual ele tem dificuldade a prestar conta, mas ele não

cria nem os personagens nem o cenário, nem mesmo o mundo no qual estes evoluem. Em suma, ele é muito menos ficcional do que ele pensa” (JOST, 2009, p.29). Ou seja, o *reality* “cria” uma escritura narrativa a partir de um mundo social pressuposto, mas essa escritura busca atingir reações nesse universo que momentaneamente é tramado junto às gravações.

Para esse artigo, procurar-se-á trabalhar com um conjunto de quatro cenas que compõem a temporada de *Papo de Polícia* em foco, de modo a entender, em contornos gerais, como se conformam as relações entre entrevistadores e entrevistados nessas circunstâncias, tentando esmiuçar seus componentes através de uma metodologia de apreensão de imagens em movimento (ROSE, 2002; FAHLE, 2006), evidenciando a forma como são acionados os recursos de ordem discursiva (modo de condução das entrevistas e de coordenação das falas) e expressivos (impostação dos interlocutores, disposição deles nas cenas) que conformam as relações entre entrevistadores e entrevistados nas conversas de Beto Chaves com os moradores do Complexo do Alemão.

Mas antes de tudo, visando adensar o terreno no qual orbitará a análise, será realizado, na seção seguinte, um distanciamento das imagens em si em prol de uma sondagem do contexto histórico que embasa *Papo de Polícia*, o remontando de forma a permitir que se entenda, ao imergir nas cenas elegidas para apreciação, a influência de uma conjuntura ou estado de relações entre moradores de periferia e policiais na trama.

2. O *Afroreggae* e uma “breve” história sobre segregação e violência urbana

Papo de Polícia foi produzido pelo Grupo Cultural *Afroreggae*. Desde o seu surgimento, em 1992, esse grupo se propõe a atuar politicamente em prol do reconhecimento social do morador de favela, atuando como uma instância mediadora entre os complexos institucionais formais e os contextos informais periféricos. Assim como nas outras produções do grupo, o projeto *Papo de Polícia* tem como proposta de fundo (para além de ser um programa do gênero *reality* no qual se visualiza o cotidiano de um anônimo inserido em um contexto diverso e geralmente hostil) tratar das controvérsias que envolvem a Segurança Pública em comunidades periféricas, supostamente a partir da ótica dos habitantes destas comunidades.

A interação historicamente conflituosa entre policiais e moradores de favelas, ponto de discussão central em *Papo de Polícia*, é também a espinha dorsal das polêmicas acerca da presença e da atuação da Segurança Pública em áreas ocupadas irregularmente

(tais quais as periferias do Rio de Janeiro). O momento inicial de tais embates está situado no final da década de 1980, quando o quadro da violência urbana no Brasil se amplia de um fenômeno exclusivo dos morros e das favelas para o seio das grandes metrópoles. Nesta época, a periferia, antes contemplada majoritariamente por um olhar romântico, cede lugar a um enfoque mais atento às mazelas sociais e à violência gestada nestas comunidades abandonadas pelo Estado, como salienta Cefaï (1996). Neste período, fica também mais evidente a maneira como a cidadania é percebida no país. Na Constituição de 1988, está implícito que os direitos sociais são reservados àqueles que possuem uma ocupação laboral e um salário fixo, deixando em segundo plano muitos dos moradores de favela destituídos de reconhecimento público em decorrência de uma história de deslegitimações e intensificação de assimetrias e desigualdades.

Quando, a partir da década de 1990, a favela ganha à atenção da mídia, a pobreza também entra em cena sendo comumente associada à estigmatização do habitante da periferia e a um aumento da violência das Corporações Policiais³. Programas da seara “popular”, como o *Aqui e Agora*, inaugurado em 1991 pelo SBT, desencadeiam uma mudança no próprio panorama televisivo, dedicando à violência urbana e à exclusão social largos espaços dentro de sua “linha editorial”. Cria-se, na cobertura noticiosa, uma separação entre “nós” e “eles”: a audiência é instigada a ser vista como ameaçada constantemente por um grupo de indivíduos estranhos e organizados em bandos de traficantes de drogas, de modo que as rotinas cotidianas se veem ininterruptamente ameaçadas em sua continuidade.

Este período de ascensão da violência urbana nos *media* corresponde também a uma etapa de progressiva “acumulação social da violência”, como Michel Misse (2008) o define. Este processo, para o referido autor, ocorre a partir da década de 1950 em direção aos tempos recentes, e tem como paralelo a aparição dos primeiros grupos de extermínio criados por oficiais de segurança pública do Rio de Janeiro, que visavam controlar a expansão da criminalidade na cidade. Os delitos antes cometidos por intento passional estavam sendo pouco a pouco substituídos por assaltos, arrombamentos e homicídios. Neste quadro, os “justiceiros” da polícia iniciavam suas incursões principalmente em

³ Mas nem todas as produções culturais midiáticas que enfocam a favela tratam de seus moradores de maneira estigmatizada. Há toda uma gama de documentários e séries que tentam questionar estereótipos e propor novas abordagens sobre a periferia e seus habitantes. Sobre esse tema, cabe conferir os artigos de Xavier (2000, 2006).

regiões periféricas de grandes centros urbanos, sob o lema “bandido bom é bandido morto” (bordão notório do Deputado Estadual Sivuca, do PSC, ex-membro de esquadrões de extermínio)⁴. O que esse lema carrega consigo é uma prática de incriminação que prescinde qualquer processo de acusação, inquérito formal ou mesmo a existência real de um crime.

Os sujeitos passam a ser enquadrados em “tipos ideais” de criminosos, de modo que sem que haja um delito propriamente dito já seria possível pensar em sua virtual culpabilidade em situações apropriadas. Esta “tipificação” dos moradores de favela e sua associação com atividades ilícitas, que permeia os discursos sociais, estão presentes em sua face mais trágica na cotidianidade. Um exemplo disso é o estudo publicado por Ramos e Musumeci (2004) sobre a ocorrência de abordagens policiais no Rio de Janeiro, que demonstra como a ideia de “elemento suspeito” se enraíza na prática policial, associando o “risco” de um crime a jovens negros pobres através de um procedimento que opera por vias tácitas: “trabalhando na prática com estereótipos, ela [a Polícia] aceita ser um operador explícito de preconceitos que a sociedade prefere disfarçar e, não questionando a validade de tal ‘missão’, carrega solitariamente todo o seu ônus” (RAMOS e MUSUMECI, 2004, p.11). Cria-se um indivíduo identificado com o “crime em geral” que, no caso do Brasil, é o sujeito morador de periferia. Segundo o discurso hegemônico, esses sujeitos estariam sempre sob o risco de se converterem a uma vida criminosa, já que faltariam a eles opções mais satisfatórias de existência (em decorrência de um quadro de privações econômicas e educacionais)⁵.

A figura do “bandido”, nesta conjuntura, deixa de apresentar qualquer tipo de humanidade comum com a sociedade em geral. Os “viciados”, “traficantes” e meliantes de toda ordem são vistos como um corpo homogêneo, portadores de características alegóricas que coincidem muitas vezes com as das “classes populares” que habitam as

⁴ Como explica Luiz Machado da Silva (2005), a progressiva escalada de brutalidade policial e desrespeito a sujeitos incriminados e alvejados (muitas vezes sem qualquer suspeita concreta) caminha em paralelo à expansão dos crimes cometidos por indivíduos sem ligações diretas com as vítimas e, sobretudo, a uma recorrente solicitação, por parte de veículos midiáticos, de “punho mais firme” para o tratamento da criminalidade pelos órgãos de segurança pública nos moldes de um populismo penal, no qual os direitos humanos passam a ser vistos como algo que só beneficiaria “bandidos”.

⁵ É importante destacar que esse discurso hegemônico constrói as próprias assimetrias que diagnostica: a pobreza não se origina de ausência de opções de escolha, mas, sobretudo, pelos arranjos simbólicos de poder e modos de depreciação dos sujeitos que configuram sérios constrangimentos à constituição de autonomia (aliados, evidentemente, às carências de cunho econômico e de formação educacional institucional).

periferias das grandes metrópoles brasileiras (e que, na lógica do discurso hegemônico, dividiriam espaço de moradia e teriam laços de proximidade com estes sujeitos desprovidos de misericórdia). Nos termos de Cefaï, a lógica da marginalização das “classes populares” operaria então por meio de uma divisão entre os “pobres, porém honestos”, “portadores das características de ser limpo, ter boa educação, fino trato (...) e a massa dos ‘sem eira nem beira’, fonte de problema e perigos, alvos de uma repressão preventiva (...) e de uma intervenção disciplinar” (1996, p.69).

A tolerância com relação ao assassinato de sujeitos que nem mesmo foram julgados e o apoio social à violência desmedida da Corporação Policial para com as classes populares (apoio que é incrementado quando aceita-se a morte de cidadãos que não tinham relação com o crime, mas que estavam em uma “zona” de conflito da polícia), fomenta a imagem de uma “polícia acima da lei”, que por sua vez ancora formas de tratamento distintas: para o “cidadão de bem”, uma ação dentro dos cânones da legalidade e dos direitos humanos; para os “favelados”, uma repressão moralizante. E, por fim, para os “bandidos”, senão a força letal, ao menos a tortura.

Para além desse contexto estrutural controverso que permeia o horizonte no qual atua o *Afroreggae*, outro marco histórico serve para configurar o contexto de sustentação de *Papo de Polícia*. A série foi gravada um ano após o início de um programa governamental de “ocupação” das favelas cariocas. Esse processo é acionado em uma operação da Polícia Militar (PM) do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a Marinha do Brasil ocorrida em 25 e 26 de novembro de 2010 para “tomada do território” da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão, com conseqüente expulsão de grupos de traficantes armados dessa região. Após essa data, esse conjunto de favelas foi progressivamente controlado pelos organismos de Segurança Pública. Uma das cenas mais emblemáticas desse período (amplamente coberto pela mídia), sem dúvida alguma foi a fuga de dezenas de traficantes armados que partiam da Vila Cruzeiro e se embrenhavam nas matas do morro, com sua topografia peculiar, em direção ao Complexo do Alemão. Essa fuga foi captada pelas lentes do helicóptero da TV Globo em uma tarde em 25 de novembro daquele ano⁶.

⁶ Link para matéria: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/11/fuga-de-bandidos-armados-produz-cenas-impresionantes.html>>.

Essas imagens se tornaram o símbolo das operações que transcorreram naqueles dias de 2010. Representaram um “marco” no tratamento da violência urbana no Estado do Rio de Janeiro, e a “metáfora de guerra” serve para lembrar muito bem do lugar conferido aos sujeitos moradores de periferia e especialmente os supostos criminosos em fuga. Sujeitos sem “voz” própria - seja porque não são dignos de serem ouvidos (no caso dos supostos traficantes), seja porque estão em “risco” de se converterem (ou serem convertidos) em traficantes (no caso dos moradores).

Tal contexto embasa o anseio dos membros do *Afroreggae* em falar sobre Segurança Pública em seus produtos veiculados em emissoras de TV como o *Multishow*. O espaço concedido a esse grupo cultural pelo canal é dedicado em grande medida ao debate sobre possibilidades alternativas de ação policial em comunidades periféricas, menos voltadas à repressão e mais atentas aos problemas locais vivenciados pelos seus moradores e à prevenção e consolidação de uma polícia que seja para estes sujeitos não a materialização de um Estado injusto e discriminador, mas a projeção de um ideal de civilidade e respeito.

Diversas razões de ordem ideológica e de aproximação ao contexto histórico acima deslindado motivaram a escolha de Beto Chaves para o papel de protagonista da primeira temporada de *Papo de Polícia*. A ligação desse policial com o *Afroreggae* se inicia a partir de um projeto social coordenado pela Polícia Civil em parceria com esse grupo cultural, o *Papo de Responsa*⁷, fundado em 2009 - o qual Beto foi um dos mentores.

Mas a eleição de Beto para o protagonismo da primeira temporada de *Papo de Polícia* não se deve exclusivamente aos seus laços prévios com o *Afroreggae*. Outro componente que o credencia para essa empreitada é o fato (outorgado e reforçado ao longo do programa) desse policial ter sido testemunha e agente histórico das operações de ocupação que ocorreram em 2010. Beto participou das intervenções acima referidas, tendo relatado, logo no primeiro capítulo da trama de *Papo de Polícia*, que esteve durante uma semana atuando no Complexo do Alemão e na Vila Cruzeiro nessa época:

Meu nome é Roberto Chaves, tenho 34 anos, sou policial civil aqui no Rio de Janeiro, tenho oito anos de polícia. Já participei de inúmeras operações

⁷ O convênio tinha como meta discutir modelos alternativos de Segurança Pública em escolas estaduais e abrigos de menores, visando a criação de projetos de prevenção e integração social com as comunidades carentes do Rio de Janeiro.

policiais. No Complexo do Alemão estive presente em 2007, em novembro de 2010. A partir de hoje eu vou enfrentar um novo desafio: eu vou sair da minha casa, vou me mudar para o Complexo do Alemão, vou ficar lá uma semana e vou procurar entender um pouco mais a lógica de acontecimentos daquele lugar (DEPOIMENTO⁸).

Em uma entrevista concedida ao *O Globo* pouco antes do lançamento da série, em 2011, Beto discorre sobre suas intenções com *Papo de Polícia*: “Sou policial, não sou apresentador de TV. Queria tirar o protagonismo de mim e colocar nas pessoas, iluminar essas histórias de vida” (CONTREIRAS, 2011). Essa proposta do policial com o programa está ancorada, por sua vez, em uma inclinação profissional de Beto à reorientação das práticas convencionais de ação dos mecanismos de Segurança Pública. Em 2010, em um depoimento para a campanha publicitária da *Natura* intitulada “Movimento Natura – Histórias Inspiradoras”, ele expõe, em contornos gerais, seu argumento:



No universo da polícia, é curioso porque, você não tem esse cenário de escuta ativa, como base de trabalho, e aí quando a gente se coloca a disposição para discutir, pra falar, pra conversar, a gente é criticado. E a gente tem que ter uma escuta muito forte (...) A polícia vai continuar fazendo o que ela sempre fez, nós só tamos buscando outras alternativas, na verdade. E falar de Segurança Pública e falar de prevenção, é falar de longo prazo. Tem que deixar de ser custo ou gasto e virar investimento verdadeiro.

Fonte: DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do *Movimento Natura*⁹

Em outras entrevistas que foram gravadas no mesmo período, Beto Chaves contrasta seu ideal de policiamento (baseado em prevenção e na edificação de relações humanas) com um cenário de mútuo afastamento e tipificação entre criminosos e policiais, com entrincheiramento de ambos os lados e uma escalada contínua de repressão. Reconhece a herança opressiva da polícia que ainda persiste no discurso da Corporação, mas ao mesmo tempo aponta que os mecanismos de Segurança Pública são

⁸ Link para o vídeo: <<http://vimeo.com/29221369>>.

⁹ Link para o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=uo9wm2tN3KQ>>. Acesso em 10 nov 2014.

instados e cobrados de agir onde falharam diversos outros setores, resultando nos sucessivos e intermináveis confrontos letais que envolvem os marginalizados e os oficiais: “Um menino de 12 anos com uma pistola chinesa nas mãos. Isso é responsabilidade da polícia? Olha o que falhou antes. Falhou educação, saúde, trabalho, saneamento, habitação, família, transporte. Aí chamam a polícia. O menino levanta a arma pra mim e atira. Faço o que com ele? Atiro de volta” (MEIRELES, 2011).

Contra a disjunção total alimentada em círculo vicioso, Beto cristalizou sua alternativa de ação, com a aposta de que somente o desmantelamento das barreiras entre policiais e cidadãos poderia alimentar interações mais paritárias entre ambos (tal qual ele mesmo se esforça por forjar em seus encontros com os moradores do Complexo do Alemão, procurando torna-los protagonistas de *Papo de Polícia*), com conseqüente reconhecimento do papel do policial como um “cuidador” aliado à população. Esse raciocínio é nítido em uma entrevista que Beto concede a Antônio Abujamra para o programa *Provocações*, exibido na TV Cultura em 24 de abril de 2012: “O distanciamento só serve pra dividir a gente. Se eu me entendo como cuidador, e você se entende como cuidado, e se você se entende como cuidador, e eu me entendo como cuidado, existe uma sinergia” (DEPOIMENTO¹⁰).

Sob o prisma de reorganização das relações entre policiais e cidadãos sob a tutela dos direitos humanos e através de uma dinâmica de reciprocidade, pode-se dizer que Beto Chaves, nos sete episódios da primeira temporada de *Papo de Polícia*, ao menos se esforça para adotar esta perspectiva de ação defendida por ele em outras instâncias (e afinada aos interesses políticos do *Afroreggae*), como fica claro no debate final, apresentado no sétimo episódio, entre ele e José Júnior (coordenador geral do *Afroreggae*), no qual o segundo o provoca entrando em cena com o uniforme da Polícia Civil e ele, em resposta, assegura que “todo cidadão deveria vestir este uniforme, que aí você cria esta história de junção” (DEPOIMENTO¹¹). Nesse mesmo debate, outra fala de Beto Chaves é elucidativa desta tentativa de construção de um campo comum instaurado entre sua referência institucional e seus interlocutores da periferia:

¹⁰ Link para o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQsUCZkPBgU>>

¹¹ Link para o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=FGufAwXChHU>>.



Olha que contradição: eu vejo num menino desses que segura uma arma de certa forma uma resistência. Mas eu vejo também num cara que acorda cinco e meia da manhã com sua marmitta de baixo do braço uma resistência. O que é contraditório até pra mim meu irmão, pensar nisso. Porque eu me coloquei na posição de um moleque desses. Eu sou filho da classe média. Eu não sou herói. Esses homens e mulheres, meninos e meninas que viveram sob a opressão do tráfico são heróis. Que resistem todos os dias. São heróis. Não sou eu, não são os policiais.

Fonte: DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do sétimo episódio de *Papo de Polícia*¹²

O que a fala de Beto Chaves deixa transparecer é um pretensão desejo de se distanciar, ao longo das gravações do *Papo de Polícia*, das posturas hostis que a polícia historicamente adotou em sua relação com moradores de periferia. Seu anseio ao longo da trama é adotar outra conduta diante dos residentes do Complexo, mais afeita ao diálogo e a uma observação analítica do cotidiano em um cenário de pós-ocupação das favelas. Ele aposta, nesse sentido, em enredar os seus interlocutores com seu carisma e com grande habilidade de elaborar uma cena discursiva na qual busca jogar com possíveis elementos geradores de identificação junto aos moradores, fazendo-os acreditar que são iguais a ele. Mas essa cena retórica e sedutora que é criada para as interações de *Papo de Polícia* seria a encarnação dessa aliança polícia/comunidade que Beto Chaves advoga? Evidente que esse movimento não é isento de tensões e será objeto de debate refletir, por meio de uma averiguação de algumas entrevistas da série, se de fato esse esforço do protagonista extravasa o âmbito das pretensões estipuladas pelo roteiro da trama.

3. Oscilações entre as categorias de “bandido” e “cidadão de bem”

Como a conjuntura histórica a qual serve de “referente” a *Papo de Polícia* deixa evidente, há uma configuração simbólica que norteia e conduz as interações estabelecidas entre Beto Chaves e os moradores do Complexo do Alemão. Esta composição, no caso

¹² Link para o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=FGufAwxChHU>> . Acesso em 24 nov 2014.

em tela, parece favorecer muito pouco a emergência de cenas comunicativas em que os interagentes se encontram em paridade de condições, a despeito dos intentos do protagonista da trama e dos realizadores. No caso específico dos habitantes de favelas, se conforma um cenário que evidencia uma obstrução significativa (mas não completa) ao seu reconhecimento como interlocutores dignos, e isso decorre de um conjunto amplo de razões, como a exemplo do processo histórico de “acumulação social da violência”; da conduta policial de emprego da “força máxima” em sujeitos que se enquadram nos “tipos ideais” de um criminoso; ou ainda pela incitação da mídia a um populismo penal que vitimiza classes economicamente privilegiadas em detrimento do sofrimento daquelas com menor poder aquisitivo.

Ao olhar para as imagens que compõem *Papo de Polícia*, procurou-se trabalhar com um conjunto de quatro cenas, de modo a entender, em contornos gerais, como se conformam as relações entre entrevistadores e entrevistados nessas circunstâncias, tentando esmiuçar seus componentes expressivos e discursivos.

Como dito anteriormente, ao longo do programa em análise Beto Chaves sinaliza que ao menos se esforça em escutar os moradores, mas, como veremos, não é sem resistência que sua escuta se despe das formas estereotípicas de enquadrá-los. Fica evidente em algumas entrevistas do programa que a “aliança” ensejada por Beto é também perpassada pela tipificação de alguns de seus interlocutores, tipificação essa que tem como fonte o “referente” material que embasa a trama e a controversa história que o pavimenta. Destarte, se vê reproduzida em alguns momentos de *Papo de Polícia* a dicotomia entre “cidadãos de bem” (ainda que em situação de vida precária) e “meliantes” ou “dissidentes” – divisão essa sustentada mesmo por alguns dos interlocutores do protagonista.

Um momento bastante elucidativo nesse aspecto ocorre em uma entrevista que Beto conduz com quatro moradoras em uma escadaria do Complexo, na segunda metade do quinto episódio. O tema central de discussão é o sentimento de pertença à comunidade, seguido de perto pela maneira como essas moradoras empreendiam enorme rigor na criação de seus filhos para mantê-los afastados da criminalidade. Em determinado instante, Luzimar Severiano, mãe de uma das entrevistadas, evidencia seu repúdio ao narcotráfico, valendo-se de uma alegoria em que descreve um cenário imaginário para o futuro de sua filha, Creuzymar Severiano. A fala dessa moradora,

deveras enfática, é introduzida por um *off* com Beto Chaves, em seu diário de bordo¹³, afirmando que ficou impactado pelo discurso dela e pela reflexão que ele gera:



Na minha casa ela arruma um catador de papel. Meu quintal pode ficar cheio de lixo, alguém chegar e falar: de quem é esse lixo? É do meu genro.

DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do quinto episódio de *Papo de Polícia*¹⁴

Mas essa dicotomização dos habitantes do Complexo (entre “cidadãos de bem” e “bandidos”) de alguma maneira influencia a própria forma de Beto administrar alguns de seus intercâmbios. Embora tenha bastante disposição para ouvir aqueles que se identificam com uma vida de superação em face dos diversos atalhos que emergem para a criminalidade, ou ainda com aqueles que transpuseram uma existência na ilegalidade, a mesma disposição não parece emergir quando o policial civil se depara com um sujeito que, em sua própria descrição, se enquadraria na categoria de “dissidente”, “entregue” ao uso de substâncias ilícitas, práticas criminosas ou ao desemprego, de tal forma que esse indivíduo não se alinharia às formas de julgamento aplicadas àqueles apresentados como “batalhadores”. Nas palavras do protagonista de *Papo de Polícia*:

Você caminhando, é uma história de pertencimento ao lugar que é fantástica. Da mesma forma que você encontra com alguém que fez administração de empresas, você encontra com uma pessoa que tá completamente vivendo num outro mundo, porque se entrega ao alcoolismo, se entrega às drogas. E que vive dessa lógica de biscates. E que chora suas angústias através da bebida, através da droga (DEPOIMENTO extraído do quinto episódio de *Papo de Polícia*).

Na interação de Beto com Alexandre Pereira, fica nítida uma impostação bastante distinta da que ele adota na maioria de seus outros encontros no transcorrer da série,

¹³ O programa se utiliza desse expediente como uma forma de reforçar que se trata de um registro em primeira pessoa das vivências cotidianas de Beto Chaves no Complexo (que passa sete dias no morro, em correspondência aos sete episódios da série). O “diário de bordo” não só serve para explicar as cenas que acompanhamos, mas também para reforçar que o que Beto experimenta seria pretensamente aquilo que ele estaria testemunhando no momento mesmo em que percorreria as vielas da favela em que passara a residir (como se não houvesse edição e seleção posterior das cenas a serem exibidas). Essas cenas não existiriam se Beto nunca houvesse estado no Alemão para gravar *Papo de Polícia*, nos propõe esse mecanismo.

¹⁴ Link para o episódio: www.youtube.com/watch?v=yOFw_4iQFYQ, acesso em 10 dez 2014.

como veremos a seguir. O protagonista se coloca frente a frente de seu interlocutor, o encara diretamente nos olhos com um semblante austero, com as sobrancelhas arqueadas e com a face levemente inclinada para o alto. As falas de Alexandre são entrecortadas por perguntas ríspidas e incisivas, como se o protagonista, naquele momento, voltasse à sua linha profissional habitual e não mais se interessasse pela real escuta daquele que está diante de si.



Alexandre: Eu bebo assim pra esquecer meus problemas, eu brigo pra esquecer meus problemas, porque não adianta eu gastar meu ódio assim em cima de ninguém.

Beto: Já teve no crime?

Alexandre: Nunca, e nem quero.

Beto: Droga? Crack, maconha, cocaína.

Alexandre: Pô cara, de vez em quando eu uso assim, mas eu não gosto não. É meu jeito assim.

Beto: É o que? É de pó que tu gosta? Crack?

Alexandre: Fumo assim, mas eu não gosto não cara, eu quero abandonar esses bagulhos todos.

Beto: Tudo né?

Alexandre: Quero é viver minha vida feliz...

Beto: Tu mora aonde?

Alexandre: Cara, eu num tenho nem família assim.

Beto: É? Mas tu tá morando aonde?

Alexandre: Minha família me abandonou. Moro, de família de criação. De favor. Imagina só: de favor. Nem dormir...

Beto: Ô, mas tu não tá levando um leite pra ajudar lá não cara?

Alexandre: Pô cara, eu levando ou não levando eu sou um zero a esquerda. Imagina só tu sendo um zero a esquerda.

DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do quinto episódio de *Papo de Polícia*¹⁵

O diálogo se encerra. Por meio do diário de bordo, Beto Chaves afirma (enquanto nas imagens vemos Alexandre descendo uma ladeira), que se dispôs a ouvir seu entrevistado, mas o que fica explícito nas imagens, como se pôde perceber, é um distanciamento que o protagonista impõe no contato, com uma entonação da voz que transparece certa autoridade e até mesmo um grau de interpelação (como se Beto

¹⁵ Link para o episódio: www.youtube.com/watch?v=yOFw_4iQFYQ, acesso em 10 dez 2014.

estivesse “interrogando” um sujeito que ele não considera estar orientado pela mesma perspectiva comum que ele e os outros moradores).

Outra situação que aciona essa mesma chave de desconexão entre mundos acontece no primeiro episódio, no encontro de Beto Chaves com Edileia Batista, residente do Complexo do Alemão, que acabara de reconhecer o cadáver de seu filho, vítima de um confronto entre narcotraficantes e policiais (diz-se que o jovem possuía relações com o crime). Sobre os degraus de uma escadaria, Edileia se encontra mais ao alto, segurando, com uma das mãos direcionada à câmera, a carteira de identidade com a foto de seu filho. Comovida, ela realça o ambiente fétido e degradante em que encontrara o corpo do menino, espalhado em meio a outros cadáveres que foram despejados em uma mata. Uma intervenção do diário de bordo de Beto Chaves explicita a pretensa “chave” de leitura daquelas imagens que assistimos: “Foi uma conversa difícil, porque ali, na verdade, o que você tem é o sentimento de uma mãe, é natural até que ela escondesse a característica do filho dela de ser bandido. E dele de repente ter enfrentado os policiais, e ter gerado o evento, da morte do menino” (DEPOIMENTO¹⁶).

Nas imagens, nos deparamos com Beto questionando, com certa aspereza (fisicamente afastado de Edileia e mantendo os braços cruzados), a real gravidade da injustiça sofrida pelo filho da moradora:



¹⁶ Link para o vídeo: www.youtube.com/watch?v=3wOEUhdSWYg.

Edileia: Ele saiu da minha casa dizendo que ia na casa da avó. Então eu tenho que cumprir o meu dever de mãe. Ele tem 17 anos, o que ele faz da porta pra fora não me interessa.

Beto: Você acha que não te interessa?

Edileia: Não, assim, em termos, porque, eu não sabia, porque meu filho tinha boca e não falava. Ele andava sozinho.

Beto: Você acha que ele não tinha envolvimento com o tráfico?

Edileia: Eu acho que ele não tinha envolvimento, e mesmo se tivesse, ele tem apenas 17 anos, a obrigação do policial era prender, não era matar.

Beto: E se ele atirou no policial, como é que é o seu pensamento a respeito disso?

Edileia: Não, se ele atirasse no policial, aí meu filho...

Beto: Aí o policial tinha o direito de atirar? Na sua cabeça, no seu entendimento de mãe...

Edileia: No meu entendimento de mãe, se ele atirasse, se fosse troca de tiro, tudo bem...

DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do primeiro episódio de *Papo de Polícia*¹⁷

Nessa interação a severidade de Beto diante de Edileia transparece uma vez mais o quadro de sentidos que fundamenta seu julgamento acerca dos moradores da favela, e que os segmenta - na perspectiva do pacto que ele intenciona selar entre a comunidade e as instituições de manutenção da ordem pública - entre “cidadãos de bem” e “bandidos”, sendo que esse último segmento não se ajusta à grande comunhão ensejada e não está alinhada às formas de julgamento aplicadas ao primeiro.

A distância entre Beto e sua entrevistada, que expressa, pelas imagens, as cisões que impossibilitam um policial e um morador de se identificarem como interlocutores válidos, também não é transposta na cena seguinte, em que assistimos a um abraço de Beto em Edileia, aparentemente em uma tentativa de rompimento da rispidez que pairava no transcorrer daquele diálogo. Contudo, esse gesto não ameniza a tensão do encontro, já que o abraço, em vez de torná-los próximos, parece acentuar ainda mais a distância que caracteriza seus universos. Se Beto tenta acolher Edileia com certo grau de receptividade, a reação dela não é equivalente: como a imagem permite perceber, suas mãos não se abrem e não selam o gesto tocando as costas de Beto, revelando, de algum modo, uma resistência à entrega por parte dela (que é favorecida pelo seu expressivo abalo emocional em face da morte do filho).



Fonte: IMAGEM extraída do primeiro episódio de *Papo de Polícia*¹⁸

¹⁷ Link para o vídeo: <www.youtube.com/watch?v=3wOEUhdSWYg>, acesso em 10 dez 2014.

Em contraste a essas duas cenas nas quais é sensível um diálogo visivelmente marcado por tensões, deparamo-nos com uma entrevista de desfecho harmônico em que o protagonista de *Papo de Polícia* entra em contato com Willian Reis (na segunda metade do episódio seis), apresentando-o logo de partida (por meio do recurso de uma voz em *off*) como “um vencedor”. Ele adentra pela moradia desse interlocutor e, logo nos primeiros instantes da conversa, já procura explorar, com significativo entusiasmo, as razões pelas quais o considera um afortunado.



Beto: Cê falou que foi criado pela tua avó né? E aí eu sei de toda grandeza do homem que você se tornou.

Willian: Graças a ela.

(...)

Beto: Porque tá aí vencedor, ganhou prêmio agora, não foi isso? Me conta essa história aí.

Willian: Todo ano tem um prêmio, que cada professor concorre. Ganha o melhor da empresa, são 14 unidades, e aí eu fiquei entre os três da rede. E no dia da festa de final de ano da empresa, que são todas academias, e aí teve lá a entrega do prêmio. E aí falaram o nome dos três, e eu ganhei.

DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do sexto episódio de *Papo de Polícia*¹⁹

Na sequência da interação, com todos já sentados, Willian, em tom de confissão para a câmera, revela obstáculos que vivenciou para atingir seu atual posto. Suas histórias, como ele mesmo afirma, poucas vezes foram contadas mesmo aos seus conhecidos, como quando recebeu um convite para entrar para o narcotráfico e recusou veementemente por conta de seu apego à família. O diálogo continua, até que Beto decide revelar aos presentes sua carreira como oficial da Polícia Civil. Essa confissão se torna um convite para que Willian discorra, irritadamente e com descontentamento, sobre os estigmas que sofrem os moradores da comunidade por conta da presença do narcotráfico nas favelas.

¹⁸ Link para o vídeo: <www.youtube.com/watch?v=3wOEUhdSWYg>, acesso em 10 dez 2014.

¹⁹ Link para o episódio: <www.youtube.com/watch?v=pynSVoHT5W4>, acesso em 10 dez 2014.



Willian: Quando a polícia falou que ia entrar, o que eu via de comentário de gente falando: “ué, entra logo, mata todo mundo, entra, mata, se o problema é lá, entra e mata”. Só que nego não tem noção do que é uma polícia entrar numa favela abrindo fogo. As pessoas não tem noção. Manda fazer isso lá na Zona Sul. Entrar lá atirando em tudo pra ver o que acontece. Vai fazer isso aqui por que? Aqui não tem gente do bem? Só tem bandido aqui? Se você pegar o tamanho do Complexo, isso aqui é bandido [Willian esboça, com as mãos, um arco pequeno], isso aqui são moradores [dessa vez desenha um grande círculo com os braços]. Porque isso aqui [o grande círculo] tem que sofrer por causa disso aqui [o arco pequeno]?

DEPOIMENTO e IMAGEM extraídos do sexto episódio de *Papo de Polícia*²⁰

Na fala de Willian, e em seu semblante, fica nítida a divisão entre as representações de moradores e o tipo de comunalidade existente entre eles. O grande círculo que esse morador desenha com as mãos simboliza ele e todos os outros habitantes, cidadãos de bem, enquanto que no arco menor se encontram aqueles de fato merecem punição, mas que não compartilham o mesmo mundo em que convivem ele e seus companheiros de Complexo. Para quem sua revolta se direciona? Sem sombra de dúvidas, ela é dirigida primordialmente às classes média e alta (potenciais espectadoras de *Papo de Polícia*, que é exibido em um canal comercial de televisão paga) as quais, em seu discurso, almejam que todos os “favelados” sofram independente de sua associação com a criminalidade. O discurso de William visa sensibilizar a audiência para as iniquidades que suportam os moradores de favelas por dividirem espaço com criminosos - cidadãos de bem que são engolfados por um olhar de recriminação sem, contudo, ter qualquer vínculo com transgressões. Sujeitos “batalhadores” que, mesmo em situação desfavorável, ainda conseguem superar as adversidades e escapam do “desvio” para a criminalidade – nos sugere o programa.

4. Considerações finais

²⁰ Link para o episódio: < www.youtube.com/watch?v=pynSVoHT5W4>, acesso em 10 dez 2014.

Ao longo desse trabalho foi possível descortinar, através da análise de um produto cultural midiático, alguns dos impasses que envolvem a definição recíproca de sujeitos como interlocutores em um lócus de interação social. Na incursão realizada nas cenas de *Papo de Polícia* tomando como contexto as assimetrias e conflitos entre policiais e habitantes de comunidades pobres, foi possível evidenciar que, embora no plano das motivações o protagonista da série em tela tenha se mobilizado em prol da criação de cenas comunicativas em reciprocidade de condições com seus interlocutores moradores de favela, tornando porosas as fronteiras fortificadas por uma história de conflitos entre habitantes dos morros e oficiais de Segurança Pública, dialogar e viver com o outro requer mais do que a pretensa consideração de seus enunciados: envolve a apreensão sensível de seu mundo e de suas marcas sem necessariamente traduzi-las e convertê-las aos códigos que regem o próprio universo.

As interlocuções estabelecidas ao longo da trama nos desafiam com uma persistente questão: como pode um policial ver em um morador de favela um interlocutor válido e vice-versa? Ao longo da análise, percebe-se as dificuldades no estabelecimento dessa reciprocidade, em decorrência das “tipificações” que de modo mais ou menos evidente encerram os entrevistados de Beto: em uma ponta, os “cidadãos de bem”, vitoriosos que superam cotidianamente os obstáculos impostos à sua condição de vida nas favelas e as sucessivas tentações do narcotráfico (sustentando, assim, uma meritocracia que pune os “preguiçosos”); de outro, os “excluídos”, aqueles que, como Alexandre Pereira (mencionado na seção anterior) ou como com os “criminosos”, estão vivendo em outro mundo, distante do campo comum que permitiria que fossem acolhidos como verdadeiros parceiros de interação.

Sendo assim, se a proposta da primeira temporada era salientar o protagonismo do morador de periferia após as operações de ocupação de favelas cariocas levadas a cabo em 2010, o que as imagens de *Papo de Polícia* expressam não corresponde a esse escopo. Ao longo dos sete episódios do programa, o lugar conferido aos habitantes do Alemão é delimitado e fixado de antemão: a eles é estipulado um tempo para que falem, mas esse tempo é determinado em função das perguntas e intervenções feitas pelo condutor das entrevistas, o inspetor Beto Chaves. Em função disso, as potencialidades de definição recíproca de sujeitos como interlocutores nas cenas de interação criadas pelo programa são restringidas em alguma medida pelo fato dos moradores serem enquadrados em papéis que lhes foram previamente reservados.

Da mesma forma, importante reforçar que se a aspiração dos realizadores de *Papo de Polícia* era edificar um terreno em que moradores e policiais poderiam dialogar em paridade de condições, não se deve desconsiderar o fato de que as injúrias cometidas anteriormente contra os habitantes do Complexo do Alemão não podem ser apagadas, uma vez que elas já deixaram uma ferida simbólica indelével em suas respectivas trajetórias de vida, independente da possibilidade de materialização de uma “harmonia” futura entre eles.

Tais críticas à condução da primeira temporada de *Papo de Polícia*, depreendidas de uma apreensão das implicações de escopo moral e político que regem os anseios da instância de produção do programa, poderiam também ser sintetizadas da seguinte forma: considerar um habitante do Complexo do Alemão como alguém com amplos direitos de tomar o protagonismo de sua própria trajetória não é tão somente conferir a ele uma visibilidade midiática distinta da que convencionalmente lhe é atribuída (como vítima de mazelas do Estado e injustiças sociais - a despeito de sua integridade moral - ou como alvo de repreensão em decorrência de envolvimento com o crime), mas sim permitir que possa se expressar sem que de partida lhe seja delimitado um espaço restritivo na trama audiovisual. Produzir o comum a partir das diferenças as respeitando envolve, sobretudo, a construção de vínculos que são ao mesmo tempo conflituosos e voltados para uma abertura à palavra e aos gestos próprios daqueles que nos cercam.

Referências bibliográficas

CEFAÏ, D. Sobre la experiencia del derecho en Brasil. Justicia social y violencia política. In: **America Latina Hoy**, n.14, 1996, p.85-91.

CONTREIRAS, T. **Novidade do Multishow, “Papo de polícia” mostra as histórias de vida por trás da ocupação do Alemão.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/novidade-no-multishow-papo-de-policia-mostra-as-historias-de-vida-por-tras-da-ocupacao-do-2828803#ixzz3SIu2YhjV>, Acesso em 06 fev 2011.

FAHLE, O. Estética da televisão: passos rumo a uma teoria da imagem da televisão. GUIMARÃES, C; LEAL, B. e MENDONÇA, C. (Orgs.). **Comunicação e experiência estética.** Belo Horizonte: Editora UFMG, p.190-208, 2006.

JOST, F. O que significa falar de “realidade” para a televisão? In: GOMES, I. (Org.) **Televisão e Realidade.** Salvador: EDUFBA, 2009, p.13-30.

LELO, T. **A dimensão política das interações comunicativas em Papo de Polícia: cenas de dissenso e reconfigurações do mundo comum.** 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MEIRELES, M. **Beto Chaves**: o homem atrás do fuzil. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI206254-15252,00-BETO%20CHAVES%20BO%20HOMEM%20BATRAS%20BDO%20BFUZIL.html>.

Acesso em 27 jan 2011.

MISSE, M. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. In: **Civitas**, v.8, 2008, p. 371-385.

RAMOS, S.; MUSUMECI, L. Elemento suspeito: Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. In: **Boletim Segurança e Cidadania**, Rio de Janeiro, v. 3, n.8, 2004, p. 1-16.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M, GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, p.17-36, 2002.

SILVA, L. Matar, Morrer, "civilizar": O Problema da Segurança Pública. In: **IBASE/Action Aind-Brazil/ Fundação Ford**, 2005.

XAVIER, I. Cinema nacional: táticas para um tempo sem estratégias. In: **Comunicação & Educação**, v.18, 2000, p.81-86.

XAVIER, I. Corrosão social, pragmatismo e ressentimento: vozes dissonantes no Cinema Brasileiro de Resultados. In: **Novos Estudos - CEBRAP**, v.75, 2006, p.139-155.

Vídeos

PAPO de Polícia. Direção de Rafael Dragaud. Produção de *Afroreggae*. Rio de Janeiro, 2011, 70 min, son, color.